

Paulo Edson Nicolodi

Quem nada faz nada tem para contar



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



“... recebi como "presente de aniversário" o telefonema do Zizi e do Ricardo, parabenizando-me pela data e convidando-me para iniciarmos no sábado, bem cedo, a nossa tão esperada expedição.

Presentes são dádivas de amigos, no caso de irmãos, e não poderia recusá-lo, mas como pensei que talvez para eles fosse muito penoso, oportunizei-lhes o direito de se arrependerem, concedendo-lhes o prazo de duas horas, que expirariam ao meio-dia daquela sexta-feira, para que retornassem o telefonema, comunicando-me eventual arrependimento. Após tal e tão dilatado prazo, não aceitaria a retomada - a oferta seria irretratável. Por precaução, retirei o fone do gancho e somente o recoloquei depois do meio dia.”

**Quem nada faz
nada tem
para contar**



Paulo Edson Nicolodi

Quem nada faz nada tem para contar

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 05/09/2018

Capa: Foto do Autor

N651q Nicolodi, Paulo Edson

Quem nada faz nada tem para contar [recurso eletrônico] / Paulo Edson Nicolodi. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

7,8 Mb. ; PDF.

ISBN 978-85-8326-348-7

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas brasileiras.
3. Viagens – Narrativas pessoais. I. Título.

CDU: 869.0(81)-992

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
DESCENDO O RIO PASSO FUNDO	11
DESCENDO O RIO FORQUILHA	25
DESCENDO O RIO IBICUÍ.....	51

Aos irmãos/amigos Luizinho (Zizi), Ricardo e Derli, a certeza de que não poderia ter escolhido melhores companheiros para estas jornadas.

À Fátima (esposa) e aos nossos filhos Daniel e Ilana, os agradecimentos por compreenderem nossas ausências na busca por aventuras.

PREFÁCIO

Ao contar suas “aventuras” pelo desfiladeiro dos rios de sua infância, detalhando os maus-bocados em que esteve embrenhado, o autor vai nos proporcionando adentrar as matas com árvores nativas, as beiras de rio de seus acampamentos, e vai nos conduzindo a ouvir o som das águas, dos pássaros, do vento, da chuva, a sentir os cheiros do assado, os calafrios do tempo feio e as dores do esforço repetitivo e exaustivo na condução da embarcação.

Permeia suas histórias com lembranças de uma infância nem tão distante assim, mas sobremaneira diferente da infância conectada e tecnológica vivida hoje, por nossos filhos e netos. E ao fazê-lo traz ao presente não só os fatos que marcaram sua história pessoal, mas personagens muito queridas, responsáveis por legar a ele todo esse gosto pelo simples, pelo natural, e a certeza de que também nós somos parte integrante dessa natureza viva, ela sim personagem central de todas as histórias.

Se “recordar é viver”, como afirma a sabedoria popular, acrescenta-se que recordar é também marcar encontro com entes queridos, e desta forma ter a oportunidade de expressar-lhes toda a nossa gratidão pelo que foram e pelo que nos legaram, assinalando-lhes o quanto lhes estimamos e o quanto desejamos honrar suas memórias, que vão agora escritas e editadas, para que se perpetuem nos corações dos familiares, amigos e de todos aqueles que de alguma forma se sentirem tocados pelas histórias narradas aqui.

Ilana Regina Tussi Nicolodi



DESCENDO O RIO PASSO FUNDO



Desde há muitos anos, quando começamos com as pescarias nos alagados do rio Passo Fundo, questionávamos acerca do percurso do nosso tão familiar pesqueiro. Daí até projetarmos uma “expedição náutica” foi muito rápido. Partiríamos da ponte da avenida Brasil e desceríamos até a barragem, sem nenhuma pressa de chegar, com provisões e tralhas para acampar e inclusive pescar quando nos aprouvesse.

No entanto, o pouco tempo (sempre ele – o tempo) e também a conhecida poluição dos primeiros quilômetros que o velho Passo Fundo arrasta em suas águas nos fez reduzir a jornada. Sairíamos da ponte que corta o rio na estrada que liga os distritos de Lagoa Bonita e Butiá. Agora faltava apenas a data, que deveria conciliar a nossa disponibilidade com o volume das águas, fator importante para permitir a navegabilidade.

No dia 14 de setembro de 1991, às 09 horas, dando mais atenção à disponibilidade do que ao volume das águas, partimos em dois carros: uma camionete Belina, puxando o reboque com o barco e materiais de acampamento, combustível, motor de popa etc., e um Corcel II. Na primeira, viajavam o Derli, o Tonial e eu. No segundo, iam o Luizinho (Zizi), o Ricardo e o pai. Trafegamos pela estrada que liga Passo Fundo

ao distrito de Pontão, e no quilômetro 20 entramos à direita, tomando a estrada para o distrito de Butiá. Mais cinco ou seis quilômetros e chegamos à ponte sobre o rio Passo Fundo, que seria o início da nossa jornada. Descarregamos o barco, fixamos o motor, carregamos o tanque de combustível, alguns mantimentos e ferramentas para eventuais reparos, e às 10 horas estávamos prontos para iniciar a descida do velho Passo Fundo. O Luizinho e o pai seguiram com o Corcel, e o Tonial com a Belina, até a granja dos Vieira, cerca de 60 quilômetros rio abaixo, já nos alagados da represa, onde acampariam e aguardariam o barco que levaria a mim, o Ricardo e o Derli pelas desconhecidas (para nós) curvas do rio.

Depois das despedidas, buzinas soando em cima da ponte, iniciamos nossa jornada, que, segundo as melhores perspectivas, seria concluída ainda no fim daquele dia, antes do escurecer.

Desde logo, no entanto, sentimos que haveria alguns percalços, vez que não havíamos “navegado” dez metros e logo se apresentou o primeiro baixio, corredeiras e pedras, e no fim um emaranhado de sarandis, que deitavam sobre o rio, projetando-se de ambas as margens, como malhas a impedirem nosso intento. O Derli ia na proa e indicava o caminho, agarrando-se, puxando ou empurrando os galhos. O Ricardo, no banco central do barco, auxiliava com o remo ou também com o apoio das árvores, enquanto eu, na popa, tentava dar direção. Depois de muito esforço e a coleta de uma centena de pequenas aranhas, e com o assoalho do “Abaúna” (nome do barco) forrado de gravetos, galhos, folhas e aranhas, saímos daquele primeiro túnel verde. O suor já aflorando na pele, mas com o sentimento de vitória, levantamos as abas dos bonés até então abaixadas para proteger os olhos dos galhos. Foi quando, entre surpresos e desapontados, enquanto “despejávamos” aos punhados as aranhas que como intrusos insistiam na carona, avistamos logo à frente um grande angico, que da margem direita, por ação da erosão das barrancas, deitara-se sobre as águas, que agora corriam entre sua antes frondosa copa. Recomeçava a faina de abrir túneis por entre os galhos da centenária árvore, alguns cortes de facção, muitos galhos quebrados ou vergados, para que a nossa laboriosa pista fosse sendo aberta e ficando para trás, sempre levando conosco mais alguns punhados de aracnídeos e muitos gravetos e folhas.

Desta forma, sem andarmos mais de quinze metros antes de encontrarmos um obstáculo semelhante, sob o impulso dos remos e auxiliados pela correnteza, às vezes tendo que arrastar o barco nas corredeiras, fomos encurtando distâncias em direção dos “alagados”.



Ao meio dia, encontramos uma rede de pesca que fora perdida e enroscara-se amontoada em uma árvore sobre o meio do rio, ficando metade submersa, e, nesta “saia” que balançava na correnteza, avistamos vários peixes (cascudos) ainda vivos, mas muito debilitados, com as nadadeiras comidas por lambaris ou caranguejos que, junto com eles, ainda pendiam das malhas quando suspendemos o artefato pesqueiro. Libertamos os cascudos e seguimos nossa viagem.

Às 14 horas, “lançamos âncoras”, ou melhor, amarramos o Abaúna em uma árvore da margem e almoçamos galinha enfarofada com cervejas, prometendo-nos que ainda pescaríamos naquela noite alguma traíra que tivesse ingerido um dos ossos que lançávamos ao rio. Meia hora depois já voltávamos à nossa realidade: abrir túneis na vegetação, empurrar o barco, remar, despejar aranhas, espantar mosquitos ou coçar suas picadas, proteger os olhos com a aba do boné ou juntar o do Derli, que por mais de uma dezena de vezes insistiu em mergulhar no Passo Fundo, sempre pescado, ora pelo Ricardo, ora por mim, para retornar gotejante à sua função de escudo.

Uma hora mais tarde, após mais uma tranqueira em uma curva do rio, avistamos dois garotos que brincavam à beira d’água, e mais adiante dois homens sobre um trator. Paramos e desembarcamos para conversar. Como os garotos perguntaram quem éramos, o Derli resumiu dizendo que pertencíamos ao “movimento ecológico”, ao que um dos garotos saiu correndo para avisar ao pai que “a ecologia havia chegado”. Com os agricultores colhemos a informação de que nos encontrávamos na localidade de Bugre Morto e que abaixo o rio continuaria sem condições de navegar com o motor, e ainda que, numa perspectiva otimista, chegaríamos à barra do rio Butiá antes da noite. As informações não eram muito alvissareiras, vez que onde o rio Butiá cai no Passo Fundo não seria nem a metade da nossa jornada, e não estávamos prevenidos para passar a noite na mata, não trazíamos nada para acampar, sequer outras roupas além das que usávamos, constituídas de bermudas, camisetas e uma jaqueta leve. Despedimo-nos, entre agradecidos e apreensivos, e seguimos nossa expedição. Jamais foi cogitada a desistência, e mesmo que houvesse proposta a respeito, ela não seria aceita, por dois motivos: primeiro porque o espírito de aventureiro possui uma coragem que transcende aos obstáculos, e segundo porque o tempo que levaríamos nesta desistência, até arranjarmos veículos para transporte do barco por terra, seria superior ao que imaginávamos necessário para chegar ao acampamento por água.

Assim, com as mesmas atividades até então desenvolvidas, apreciando o voo esporádico de algum jacu, que atravessava o rio, e de alguns martins-pescadores, que com sua paciência e arte ao pescar nos transmitiam calma, fomos sendo levados pela correnteza, remos e empurrões em galhos, sendo que, em algumas corredeiras, éramos nós que descíamos e empurrávamos o Abaúna. No percurso, encontramos alguns “paris” abandonados nas corredeiras, que nos atrapalharam mais

ainda a passagem, devido à taipa construída nas duas laterais para conduzirem os peixes para dentro da armadilha. De dentro de um deles, ainda libertamos dois carás que, aprisionados sabe Deus há quanto tempo, nadaram na correnteza festejando a sua libertação.

Esclarecendo, "paris" é uma armadilha para peixes, feito geralmente de taquara, em forma de caixa retangular, medindo aproximadamente 1,5 X 3,0 metros, que é colocada em corredeiras, ou mesmo em pequenas quedas d'água, ficando um lado (a montante) submerso, por onde os peixes entram, e o outro lado, com um fundo mais baixo e bordas maiores, onde os peixes caem e não podem mais sair.

Mais abaixo, deparamo-nos com uma tranqueira ainda maior do que aquelas que até então havíamos encontrado: de um lado, um velho "bugre" caíra sobre o rio e, do outro, uma "canela", também de sua época, atirara-se sobre o companheiro de infortúnio, entrelaçando seus galhos dentro do rio. Dirigimos o Abaúna para a margem esquerda, de onde se projetava o bugre, e por onde antevíamos uma possibilidade de transposição, mas após avançarmos dois ou três metros, ficamos diante de uma "cerca de troncos", que, partindo do leito do rio, atingia quase dois metros de altura sobre as águas. Avaliamos a possibilidade de usar o facão, mas desde logo descartamos esta hipótese, em face da considerável espessura dos troncos. Restava-nos somente a transposição aérea, vez que era um local com altos barrancos em ambas as margens, com mata fechada, impossibilitando o contorno por terra. Com muito esforço, conseguimos levantar primeiro a proa, e depois fomos deslizando o barco por sobre o tronco superior (com parada para descansos e fotografias), até transpormos o obstáculo, para novamente embarcarmos, ouvindo as juritis, que, entre curiosas e assustadas, nos espreitavam das margens, soltando seus indecifráveis arrulhos.

Agora já brigávamos também contra o tempo, pois os colonos de Bugre Morto tinham razão quanto à lentidão de nossa viagem, e pretendíamos ao menos encontrar águas mais profundas e desobstruídas antes do anoitecer, onde mesmo no escuro poderíamos prosseguir, e isto, segundo nos informaram os ribeirinhos, só seria possível depois da barra do rio Butiá, quando teríamos atingido aproximadamente a metade da nossa jornada.



Enfim encontramos o Butiá, afluente da margem direita do Passo Fundo. O rio dobrara de largura, e a profundidade também era bem maior ao receber o tributário. Agora já podíamos usar o motor em alguns trechos, até quando encontrávamos alguma árvore caída, sarandis ou corredeiras, que se sucediam a cada 40 ou 50 metros.

Por volta das 17 horas, armou-se um temporal, escureceu e os relâmpagos cortaram o céu em todas as direções, antecedendo trovões ensurdecedores, cujo eco galopava no dorso do vendaval que açoitava a mata, fazendo com que os grandes pinheiros ainda existentes na reserva da “Sagrissa” (onde nos encontrávamos naquela hora), com toda sua centenária e majestosa imponência, se curvassem ao sopro divino; bandos de pássaros voavam ligeiro em busca de abrigo, e logo a chuva, com seus gélidos e agigantados pingos, deitava-se faceira, projetando espirais sobre as águas do rio. Num repente, estávamos absolutamente “ensopados”, já que não havíamos nos prevenido com nenhum abrigo ou capa, mas, sem alternativa, seguíamos encurtando distâncias, dirigindo sempre sobre o talvegue para evitar os tocos e pedras que eram uma constante. A água fria escorria sobre nossas peles antes suadas, provocando tremores que só a pinga com *Underberg*, providencialmente trazida pelo Derli, amenizava.

Assim prosseguimos, sem saber ao certo onde nos encontrávamos, sem poder imaginar o tempo e a distância que ainda nos separava

de nosso destino. Na boca da noite, chegamos na granja Petry, onde, na margem direita do rio, existe um casebre de madeira bruta, construído por pescadores. E lá estavam eles, numa turma bastante grande. Alguns, já bem “aperitivados”, balançavam as pernas, enquanto nos perguntavam de onde vínhamos e quem éramos. Depois de explicarmos por alto nossa viagem e nosso destino, um deles, que se intitulou capataz da granja, opinou que não deveríamos prosseguir, vez que rio abaixo encontraríamos corredeiras com muitas pedras salientes e seria perigoso transpô-las à noite. Ao mesmo tempo, convidou-nos a pernoitar no rancho, onde estaríamos abrigados da chuva e do frio. Não demorou muito para o nosso “conselho” deliberar pelo repouso, e dando a volta dirigimos a proa para o ancoradouro, já que havia um barranco com mais de dois metros de altura naquela margem. Mas dizem que “desgraça pouca é bobagem” e o azar não nos poupou. Ao nos aproximarmos do porto, o motor apagou e trancou, e ao verificarmos a causa, encontramos uma rede de pesca toda enrolada na hélice. Ocorreu que os pescadores, temendo que fôssemos agentes de fiscalização, não nos avisaram da rede. A solução foi entrar no rio, com a água batendo no pescoço e, tremendo muito de frio, desenrolar a rede da hélice e liberar o Abaúna, para enfim aportarmos.

Um fogo muito atizado pelo vento queimava grossas toras de árvores sob uma lona plástica, onde nos resguardamos da chuva. Depois das apresentações formais, fomos convidados a entrar no rancho, uma edificação em tábuas brutas, medindo aproximadamente 4m X 5m, dividida ao meio por uma parede, formando uma sala na entrada, com os fundos subdivididos em dois quartos. Um deles, desprovido de qualquer móvel, nos foi destinado para o pernoite. Entre os pescadores, havia três turmas: uma da própria granja, formada pelo capataz Irineu, seu filho Claiton, e dois funcionários, o Chico e o Gordo; outra de Ere-bango, com o Nilson, o Roque e um terceiro que tocava violão em um canto do rancho; e a terceira turma, de Getúlio Vargas, constituída pelo Müller, cognominado entre eles de “Mentirinha”, e o Bigode.

Naquela hora, já havíamos tomado pé da situação e percebíamos que o “porre” era grande: o Mentirinha já se encontrava na fase da macaquice, fazendo graça de seu próprio desgraçado estado etílico; o Irineu alternava momentos de anfitrião dedicado com outros de pepotente agressividade e foi num destes momentos que insultou o Nilson, obrigando-o a ingerir de um gole toda uma garrafa de cerveja, que inevitavelmente acabou parcialmente derramada em suas vestes. O am-

biente ficou tenso, e logo a turma de Erebangó estava abandonando o acampamento, alegando que o Nilson não estava se sentindo bem, que era cardíaco e não trouxera seus medicamentos e por isso regressariam naquela hora, sem nem ao menos retirar o material de pesca que estava no rio. Irineu ainda tentou evitar, se dizendo ofendido, mas logo o Fusca branco saiu patinando, em alta aceleração, levando o grupo.

Enquanto isso, nós jantamos a galinha com farofa e três sanduíches que haviam sobrado do almoço e fomos consumindo o tempo, torcendo que passasse depressa, que o dia amanhecesse para que pudéssemos prosseguir. Mas o Irineu, encorajado ainda mais pela servilidade de seu filho e de seus dois funcionários, prevalecia-se em seu ímpeto fascista, externando toda sua ignorância: aos berros, mandava que lhe trouxessem mais cerveja e que o servissem, ao mesmo tempo que tentava fechar o trinco da pulseira de seu relógio. Duas ou três tentativas frustradas pelo efeito do álcool e, num repente de total desequilíbrio, arrancou o relógio do pulso e lançou-o contra o assoalho do rancho, estilhaçando pedaços que rebateram pelas paredes. O clima ficou ainda mais tenso e o Derli, numa tentativa de amenizar a situação, juntou o relógio, dizendo que arrumaria a pulseira, já que este era seu ofício. Um silêncio cheio de expectativa reinava no lusco-fusco do ambiente iluminado por um preguiçoso lampião. Enquanto o Derli tentava regular a pressão do fecho da pulseira, Irineu aproximou-se dizendo: - “meu rilójo não é lixo!...”, ninguém falou e ele insistiu na mesma assertiva, até que, ao repeti-la pela terceira vez, o Derli respondeu-lhe que ninguém estava dizendo que o seu relógio era lixo, que ele se propunha apenas a arrumar o fecho, e continuou em sua arte. Quando a pulseira foi consertada e o relógio entregue ao dono, Irineu olhou e de plano asseverou: “Este não é o meu rilójo”, “eu quero o meu rilójo!” Foi então que percebemos que não havia vidro, mostrador ou ponteiros. Houve um momento de silêncio, expectativa e tensão, até que Claiton, filho de Irineu, que até então se mantivera calado, interveio, indo juntar as peças do relógio e ponderando ao pai que fora ele próprio quem quebrara o relógio e que o Derli só estava tentando ajudá-lo. Mas Irineu não queria saber, repreendia o filho e exigia o “seu rilójo”. Depois de longos minutos, enfim o Irineu saiu para fora do rancho, chutando a porta, que se desprendeu das dobradiças estatelando-se no barro. O pessoal da granja aproveitou para se recolher ao seu quarto, e nós também fomos para os nossos aposentos. Sentamos no assoalho de tábuas brutas e passamos a projetar a longevidade daquela noite. O frio que sentíamos era muito intenso, vez que

estávamos com as roupas molhadas. Chegamos a trocar opiniões sobre prosseguir a viagem naquela hora mesmo, apesar da chuva, do frio e das roupas encharcadas. Estávamos deliberando nesse assunto quando o Irineu retornou, e, ouvindo o que discutíamos, em sua extrema ignorância, sentenciou: “Se quiserem partir têm dois minutos para o fazer”. Diante disto, sem discrepância, decidimos de pronto, sem nem nos consultar, levantando num ímpeto os três ao mesmo tempo, impulsionados pelo sentimento de revolta contra a prepotência do troglodita. “Vamos sair agora”, é bem melhor a chuva, a escuridão da noite, o frio, as corredeiras ou cachoeiras do rio, do que a frieza daquela situação. A obscuridade e a ignorância aliadas à má índole daquele déspota, armado de revólver e escorado em seus empregados, que apresentava como “guarda costas” e que mais pareciam “cães de guarda”, encorajado ou acobertado pelo álcool, externava toda a sua insana tendência paranoica.

Porém, em seguida, em um novo repente de lucidez, Irineu voltou a ser “gente”, e a reiterar sua hospitalidade, dizendo sentir não poder abrigar-nos melhor, mas que, se quiséssemos, iria até a granja buscar cobertores e roupas. Diante disto, ponderamos que estávamos ali a seu convite, mas não nos importávamos em partir naquela hora, como, aliás, já estávamos fazendo. Sobrevieram novas amenidades e a reiteração de que nos sentíssemos “em casa”, de “que era um prazer poder nos ajudar”. Diante desta nova situação, resolvemos esperar mais algum tempo, ao menos até a chuva passar, e o Irineu foi trovar, ou incomodar, o pessoal de Getúlio Vargas, que dormia em sua camionete Variant.

Já nos enrodilhávamos como “cusco ao tempo”, quando o Chico (empregado da granja) nos trouxe um acolchoado, dizendo que estava dividindo conosco suas cobertas, pois do quarto ao lado ouvia nosso “bater de queixos”. Quem não tinha nada e se encontrava deitado sobre o chão bruto do rancho, agora já estava agasalhado. Discutimos se o traste serviria de cobertura ou de colchão, e optamos pela segunda serventia. Eu me cobriria com minha velha jaqueta de nylon, herança dos tempos de quartel, que mesmo molhada ajudaria; o Derli também usaria a sua jaqueta, e o Ricardo havia encontrado um saco vazio, destes de plástico, utilizados para embalar adubo, e dele faria seu cobertor.

Quem dorme em cama, seco e bem coberto, não pode avaliar a longevidade de uma noite... Cada minuto era uma eternidade, o queixo não parava de bater... Ainda continuamos por longo tempo ouvindo a voz do Irineu, que tendo bebido todas as suas cervejas, pegava uma

garrafa vazia e aproximava-se da Variant da turma de Getúlio Vargas, propunha em altos brados a troca de “uma quente por uma gelada”. Sem saber que a quente estava vazia, o Mentirinha aquiescia: “pode trocar, amanhã já estará gelada”, e o Irineu retornava para secar mais uma, rindo dos desavisados getulienses que, de boa-fé, não conferiam a troca. Assim repetiram-se várias viagens e trocas, até a quinta, quando terminaram as cervejas de Getúlio Vargas e o Irineu, ainda rindo, resolveu que também dormiria. E então o acampamento finalmente silenciou.

Às 05h30min, estávamos acordados, negaceando pelas frestas do rancho a chegada do dia, e às 06 horas levantamos, juntamos as peças de roupas que havíamos estendido para secar, e depois de uma rápida passagem pelo fogo, onde nos despedimos e entregamos o acolchoado, embarcamos no Abaúna. Eram 06h30min, e apesar da roupa ainda úmida e da noite prolongada, nos sentíamos reconstituídos. A cerveja que sobrara em nossa caixa foi o café da manhã.

Dez minutos rio abaixo, encontramos as “corredeiras” que nos haviam recomendado o tenebroso pernoite, mas nem de longe se comparavam às tantas que na tarde anterior havíamos enfrentado. Alguns empurrões com os remos e novamente estávamos em águas navegáveis. Às 08 horas chegamos à barra do rio Facão, logo antes da ponte sobre o Passo Fundo, onde o rio tornou-se bem mais largo e nos trouxe a esperança de em breve encontrarmos os “alagados”.

Porém, nem havíamos comemorado e já avistávamos as outras “corredeiras” de que também haviam nos falado, e que nos diziam ser as piores de toda a nossa jornada. O considerável volume das águas agora arrastava o barco, como uma “folha seca”, ou como uma “casca de minduim”, como dizia o Seu Osvaldo, e os remos de nada adiantavam contra a força da correnteza. A solução foi desembarcar e conduzir o Abaúna pelos canais mais apropriados, apesar da água fria que por vezes nos atingia o peito. Estas corredeiras, com pequenas cachoeiras em seu curso, se estendem por mais de 500 metros, percurso desgastante para quem há mais de vinte horas já vinha transpondo obstáculos semelhantes. Depois o rio tornou-se caudaloso e profundo, o que facilitou a navegação a motor, e então aproveitamos para ganhar tempo.

Alguns quilômetros abaixo o rio forma uma grande ilha. Escolhemos o braço da direita e por ele, com algumas paradas para abrir caminho entre os sarandis ou para levantar o motor devido aos baixios, contornamos a mata nativa que ainda recobre aquela ilha, abrigando

uma fauna variada, inclusive capivaras, cujos rastros identificamos nos barreiros das margens.

O rio crescia à medida que avançávamos, e já não se podia perceber a correnteza. Os alagados estavam próximos e logo começamos a avistar árvores secas, parcialmente submersas, paisagem característica dos alagados que tanto conhecíamos. Agora já não precisávamos de tantos cuidados para navegar, a velocidade podia ser constante, observando apenas para não sair do antigo canal do rio, evitando assim os tocos das árvores submersas.

Por volta das 09h30min, avistamos um morro de pedras, situado na margem esquerda do rio, que nos parecia conhecido. Ao nos aproximarmos, identificamos melhor e constatamos que efetivamente estávamos margeando a granja do Sr. Armando Bortolin. Foi uma notícia das mais alvissareiras, pois sabíamos que a granja dos Vieira, onde nos esperavam o pai, o Luizinho e o Tonial, não devia estar longe. Passamos em frente ao acampamento do “Taquaruçu”, onde há muitos anos acampamos, ocasião em que também pegamos um temporal durante toda a noite. Contornamos uma grande mata da margem direita, onde o rio desvia em curva à esquerda, e em seguida entramos em um trecho com boa visibilidade, em reta, e ao longe avistamos uma ilha, situada mais próxima à margem esquerda do canal, que logo reconheci e asseverei ser a “Ilha dos Vieira”.

As ilhas da barragem são pontos recomendados para a pesca e, uma vez localizadas, nunca mais esquecemos. Aliás um dos nossos melhores pescadores dos alagados do Passo Fundo era exatamente junto a uma grande ilha, situada próximo à balsa que liga Ronda Alta a São Valentim. Aqui abro parênteses para lembrar um fato pitoresco que lá vivenciamos:

O Seu Osvaldo Lopes, o Milton Hamel e eu estávamos pescando na barragem, acampados no sítio do Seu Carlinhos Feijó, perto da balsa que atravessa a barragem pra São Valentim. À tardinha, armamos umas redes ao redor de uma ilha distante uns dois ou três quilômetros do acampamento (naquele tempo não havia proibição de pesca com rede, desde que a malha fosse superior a dez centímetros).

Era costume obrigatório do Seu Osvaldo que revisássemos as redes ao menos uma vez durante a noite. O nosso barco era o mesmo de sempre: de madeira, pintado de marrom, com quatro metros de comprimento, feito de cedro pelo Seu Osvaldo. Às 23 horas, o Seu Osvaldo convocou-nos para a revista. Eu ia na popa, para remar e dar direção, o Milton sentou no banco do meio e o Seu Osvaldo na proa, para revisar as redes. Era uma noite de verão, bastante quente e os remos batiam ritmadamente na água. Fizemos a volta na ilha, revisamos as redes que estavam bem recheadas de traíras, jundiás, tilápias e carpas, e começamos o retorno. Havia uma brisa que soprava contra nós, dificultando ainda mais a nossa travessia. O suor escorria, os braços doíam, já ninguém mais conversava. Remávamos com mais força, mas o barco se deslocava lentamente. Já passava das duas horas da madrugada. O Milton, sentado no meio, não tinha nenhuma função, pois só havia dois remos. Lá pelas tantas, olhando a grande lua cheia que clareava a barragem, ele exclamou: “Nico, e dizer que os americanos estiveram na lua!...” Ele mal havia terminado a frase e o Seu Osvaldo, irritado pela canseira, prosseguiu: “Você acredita em tudo que é empulhação da televisão, nem parece que estudou, em vez de falar estas besteiras podia nos ajudar a remar, nem que fosse com as mãos, mas daí também não pode, porque tem mãos de veludo...” Quando senti que a ladainha não ia terminar, resolvi intervir para acalmar os ânimos, e ponderei que podia ser verdade que o homem tenha estado na lua, e continuei, para não devolver a palavra, começando desde milênios atrás, para aumentar o espaço: “Veja o senhor que o mundo evoluiu, no início, na pré-história existiam animais enormes, os dinossauros, tiranossauros e outros monstros, que mediam oito a dez metros de comprimento e outros tantos de altura, pesavam dezenas de toneladas...” (exagerei) e, quando tomava ar pra continuar, ele não se conteve e interrompeu: “Então se nois tivesse nessa casquinha de minduim (como ele se referia ao barco dele, pela fragilidade) e um bicho destes desse uma mijada rio acima, nois naufragava.” A espiritualidade prevaleceu, rimos um pouco, o clima se amenizou, o tempo passou e mais algumas centenas de remadas depois, estávamos no acampamento.

Mas voltemos ao texto. As dúvidas quanto à nossa localização se dissiparam ao nos aproximarmos da ilha. A expectativa foi confirmada. Estávamos nas terras dos Vieira. No entanto, em frente da ilha, na margem direita, onde deveria ser o acampamento da nossa turma, num velho rancho de tábuas, havia alguns veículos estacionados, mas logo percebemos que não eram os nossos.

Ficamos um tanto desapontados, porque torcíamos que fosse ali que estivessem nos esperando. A outra possibilidade seria que eles tivessem acampado na granja do Sr. Luiz Gomes, para o que teríamos que navegar mais uns dez quilômetros.

Percorremos a grande volta que o rio faz à direita e, quando a contornamos, avistamos, ao longe, um saco branco, suspenso por uma taquara fincada na margem do alagado. Este era o sinal convencionalmente previamente como indicativo do local do acampamento. Ainda apreensivos, nos aproximamos até avistarmos o Tonial, que estava pescando, e o Luizinho, que, ao nos avistar, saiu correndo em direção ao acampamento, para logo começar o pipocar dos foguetes que saudaram nossa chegada.

Eram 10 horas. Exatamente 24 horas depois de iniciarmos “a descida do Passo Fundo”, estávamos atingindo o nosso destino.

Agora era buscar roupas secas, tomar um café de chaleira bem quente, que foi logo preparado pelo pai, fazer um tempo para voltar à calma, e nos preparar para a pescaria que ainda pretendíamos fazer naquele dia, já que só no dia seguinte iríamos embora.

Antes de sairmos para a pesca, o pai perguntou-nos como gostaríamos que ele fizesse o frango, com arroz ou com polenta, tendo o Derli se adiantado e optado pela polenta. A “méscula” (pá para mexer polenta) que até hoje nos acompanha nos acampamentos é a mesma que o pai fez na hora, de um pedaço de lasca de uma árvore caída.

Na noite conseguimos fazer uma boa pescaria, mostrada na foto a seguir, onde vemos traíras, peixes-rei e jundiás, e aparecemos, junto com o pai e o Tonial, na faina de limpeza.

À tarde desmontamos o acampamento, carregamos os carros, o pai, o Zizi e o Ricardo saíram na frente, tripulando o Corcel, e quando fomos dar arranque na Belina não tínhamos bateria. Havíamos deixado o capô traseiro aberto e a lâmpada acesa consumiu a carga.



Sofremos um bocado empurrando a Belina dentro do mato, desviando árvores e barrocas, mas enfim, suados e esgotados por toda a jornada e por esse último esforço de substituir a bateria pela força bruta, conseguimos botar o carro na estrada, e agora tínhamos mais esta história pra contar. Pois QUEM NADA FAZ, NADA TEM PARA CONTAR!



DESCENDO O RIO FORQUILHA



Desde crianças, brincando e crescendo nas margens dos rios que serpenteiam ao redor de Lagoa Vermelha, fustigava-nos o espírito de aventura e a curiosidade de como seriam os “pesqueiros” situados abaixo das cachoeiras, ou grandes corredeiras, que interrompiam nossas pescarias de caniço, sempre próximas aos acampamentos.

“Oh! campos de minha infância,
A casa branca lá no alto!
no corredor da querência
parte final do caminho
verde, lisa imensidão.
Chão de Lagoa Vermelha
- Distância espichando terra
Verde mundo ...umbus ... meu!”
(in ‘Chão de Infância’ - Ovídio Chaves).

Dentre estas curiosidades, a descida do rio Lajeado dos Ivos, até encontrar o rio Forquilha, e por este até o mais antigo acampamento da família - o *Passo das Mulas*, *Passo Velho*, *Passo do Alberto Joca* ou mais recentemente Casa da Dinda - sempre foi colocada em primeiro lugar.

A designação de “Casa da Dinda” pode ter dupla significação: a primeira seria uma referência àquela de Brasília, do Collor, com a qual não se assemelha, vez que aqui reina a autenticidade, o ar puro, a fraternidade recomendável, enquanto de lá só exalava podridão; a segunda, que nestas alturas preferimos, e até pelo autor do batismo, o “vô Arduíno”, seria uma justíssima homenagem à sua mãe, a falecida dinda Ana Fé, que sendo madrinha do primeiro neto, tornou-se “dinda” de todos os que o sucederam.”

As férias do clã Nicolodi eram acampamentos onde se reuniam todos os tios e primos, cada família em uma barraca, onde passávamos de quinze a vinte dias, como neste da foto abaixo às margens do Passo Velho, de 1955, segurando traíras quase do nosso tamanho e mostrando a flamante Ford 1929, condução da família, e o Tupi, “o melhor perdi-gueiro que pisou em Lagoa Vermelha”, segundo o falecido pai.



Na época, sonhávamos em descer os rios embarcados nos velhos caíques que fizeram história na família, como o “Canindé”, obra prima de puro cedro, cortado pelo José Carlos nas reservas do Pinhal da Serra e criteriosamente confeccionado no “estaleiro” do tio Arnaldo. Embarcação modelo na época, com curvatura de fundo milimetricamente calculada, com cinco metros de comprimento, madeira de fundo “machambrada”, com panos embebidos em “piche” entre cada junta, e pontal talhado em madeira maciça. Os bancos solidamente encaixados, nos quais, certa ocasião, chegamos a improvisar, com sucesso, um sistema de velas, confeccionadas de velhos lençóis, sobre cuja digna obra de arte nos sentíamos em absoluta segurança. O Canindé era conhecido também pela extrema sorte que propiciava ao seu proprietário, que, remando sozinho, saindo do acampamento enquanto ainda dormíamos, descia ou subia o rio Santa Rita, no mais absoluto silêncio, retornando ao fim da tarde, invariavelmente com o seu troféu cinegético – a capivara.

Contudo tais sonhos eram sempre adiados, por uma ou outra razão: ou porque os rios estavam muito cheios, ou muito baixos e principalmente, a maior de todas as razões, a corajosa aventura de ser o porta-voz do pedido de empréstimo do barco.

Hoje podemos perceber com absoluta certeza que esta última preocupação jamais teria se constituído em empecilho, tamanha a bondade, solicitude e desprendimento do tio Arnaldo, e vemos que nosso receio era tão só porque reconhecíamos as dificuldades para se construir uma embarcação como aquela, e temíamos que, mesmo emprestando, como certamente teria ocorrido, talvez o tio o fizesse com algum ciúme legítimo de seu tão leal companheiro de caçadas de capinchos. Concluímos hoje, com certeza absoluta, que adiamos por tanto tempo nosso sonho pelo simples receio de realizar, de fazer o pedido, e “quem nada faz, nada tem para contar”...

Por estas e outras, embora os motivos que hoje nos impulsionam não sejam os mesmos daquela época, vez que pouco pensamos em eventuais pesqueiros e muito menos em descuidados capinchos, veados, pacas ou outros animais que inadvertidamente pudessem vir beber do nosso espírito de aventura, o sonho de criança continuava latente e insistia em transbordar.

Naquela época, em tais aventuras, nosso “instinto” estava voltado única e exclusivamente para a pesca ou a caça. Tais atividades, além do objetivo único que hoje lhes damos - esporte - tinha uma conotação

herdada das gerações anteriores, que também significava subsistência. Qualquer peixe, ave ou animal significava, além de um troféu, uma fonte de proteínas. A carne de gado, bovino, ovino ou suíno, não era muito frequente, e galinha só se comia, como dizia um ditado antigo, “quando um dos dois estava doente”, nós como terapia, ou a penosa, como medida de aproveitamento da de *cujus*.

É assim que hoje, embora arrependido, confesso haver participado de muitas caçadas: nas restingas e matões cortados por rios, abundavam a paca, a cutia, o tatu itê, o veado virá e o pororó; no campo, o tatu mulita. A paca era a preferida, por sua carne saborosíssima, mas animal “matreiro”, dificilmente se deixava abater. Caçava-se com cachorros, à noite, e quando entocava, sempre em tocas rasas, nas margens dos rios, procurava-se todos os “olheiros” (várias entradas e saídas), que talvez por superstição numérica, avaliávamos sempre como sendo sete, um deles sempre com saída direta para o rio. Fechavam-se cinco, aguardava-se com o facão num dos que ficara aberto e cutucava-se com uma vara no outro para fazê-la sair naquele em que esperávamos.

Para os tatus e as cutias, utilizava-se de expediente semelhante: o tatu, acossado pelos cachorros, geralmente entocava em caseiras antigas, rasas ou entupidas, de onde os retirávamos com cavadeiras, às vezes manuseadas por horas.

A respeito das caçadas de tatu, que fizemos tantas, nos perdendo em muitos matos com o compadre Jeca Xavier ou com o Edir Nicola, é pertinente lembrarmos de uma, a última que tive oportunidade de fazer com o falecido primo José Carlos. Saímos do acampamento na hora costumeira, por volta das 22 horas, que é a hora em que os “marranheiros” saem das caseiras. Descíamos pela restinga do rio Santa Rita quando a Veluda, uma cadela preta só com uma mancha branca no peito, pouco maior que um fox-terrier, mas de “puro sangue” vira-lata, um terror para os tatus (só comparável ao Boca Negra, do tio Belo), abriu uma corrida, ganindo, e logo num barreiro se agarrou com um graxaim. Quando a alcançamos, o “sorro” já estava morto, sendo mordido pela cadela. O José Carlos retirou a cadela e seguimos nossa caçada. Aquele fato me questionou durante toda a vida: como

pode uma cadela de porte consideravelmente menor que o graxaim matá-lo em poucas passadas? E foi somente há pouco tempo, ouvindo uma canção nativa que entendi o engodo. Nos seus versos, uma paródia em que compara a esperteza do graxaim com os políticos, o compositor, referindo-se ao graxaim, diz: “*na carga da cachorrada, na moita se faz de morto...*” É, aquele sorro, que já deve estar muito velho, até hoje deve estar rindo de nós!

Sobre o graxaim, ainda, existem três espécies: um de pêlo escuro que habita próximo aos capões, por isso ditos do mato; os de pêlo claro, que vivem nos campos e são grandes caçadores de perdiz; e os quase baios, mais encontrados nos banhados.

Já as cutias, cuja carne é melhor na época do milho, porque estão mais gordas, caçávamos de dia. Um companheiro se encarregava de largar os cachorros no início do mato e os outros se postavam em frente aos foges (caseiras construídas por elas), para onde elas sempre se dirigem quando acoissadas. O bichinho tem um hábito que nunca modifica: vem correndo pelo carreiro e para, invariavelmente, na frente do fogue, antes de mergulhar nas furnas. Era quando o agraciado com a espera devia atirar. Já para os veados, consideradas caçadas nobres entre as de pelo, já era preciso cachorros de raça e armas de fogo, algumas com canos tortos, para atirá-los nas curvas, como dizia o Seu Aparício, e destas pouco participávamos, pois eram reservadas aos “grandes” (adultos).

Aliás, em busca de novas “astúcias” para enganar os espertos animais, às vezes surgiam ideias mirabolantes, propagadas como infalíveis, que prontamente eram aceitas pelos demais. Uma destas surgiu nas margens do rio Santa Rita, onde estávamos acampados havia dias, e toda noite os cachorros, entre eles ainda me lembro da *Veluda*, do *Não Tem*, do Edir, e do *Gaúcho*, do Jeca, batiam no rastro de uma paca, moradora antiga de uma velha caseira existente na margem oposta à que estávamos acampados. A cachorrada batia, formavam a corrida que passava bem em frente ao nosso acampamento, mas invariavelmente a paca os despistava, mergulhando no rio. A ideia foi do falecido pai, pois o artefato que iria ser utilizado para lograr a “marranheira” era a sua mais recente aquisição. Ele sugeriu que armássemos uma rede de pesca,

destas com maromba, no meio do mato, perpendicularmente ao rio, vez que a paca sempre corria pela margem, rio acima, e quando ela batesse na rede nós a pegaríamos. Aceita, aprovada e elogiada, a ideia foi prévia e cuidadosamente articulada. Já no início da tarde atravessamos o rio e lá armamos a rede, com muito zelo, estendendo a maromba entre as árvores, numa altura de dois metros, e fixando a parte de baixo no chão, com estacas fincadas a marreta para não dar a menor chance à bichona. Desde então era uma tensão só entre os primos, e até entre os tios, que tentavam não demonstrar, mas não paravam de contar os minutos, na espera da hora certa de largar os cachorros. Diziam eles que antes das 22h não podia ser, vez que a paca ainda não teria saído das furnas, e o bom era até esperar um pouco mais, porque ela já andava arisca com as batidas das noites anteriores. Enfim, chegada a hora, o Jeca e o José Carlos levaram a cachorrada rio abaixo, embarcados no caíque, para acerca de dois quilômetros, largá-los na margem do rio em que havíamos armado a rede, onde, a uma certa distância, no mais absoluto silêncio, nós já aguardávamos a corrida. Foi só eles soltarem e os cachorros bateram no rastro da perseguida; au ...au ... au ... “e vieram”, sussurrou o tio Arnaldo, recomendando-nos mais silêncio e nenhum movimento, enquanto, além dos ganidos da cachorrada, explodia em nossos ouvidos as batidas do coração, também atizado pela emoção violenta de que todos estávamos acometidos. Noite de lua nova, a escuridão era total, e assim aguardávamos a chegada da medonha. A corrida se aproximou e chegou à rede, começando em seguida um alarido de cachorro, com latidos, ganidos, choros e rosnados, e imediatamente o tio Arnaldo acendeu a lanterna de acetileno, cujo facho rasgou a escuridão, num clarão que parecia dia - não que a lanterna fosse tão eficiente, é que nossos olhos, acostumados à escuridão, quase saindo das órbitas para enxergarem a ponta do nariz, agora viam como lince! E foi com esta claridade toda que vislumbramos a cômica cena: os três cachorros enredados na rede, próximos a um grande rombo das malhas, por onde a paca, com seus afiadíssimos dentes, passou como um foguete, devendo estar até hoje rindo da presepada de seus caçadores.

A respeito da jornada que íamos iniciar, também sabíamos de uma história, contada pelo vovô Lulu Machado, o patriarca daquela família co-irmã, que em certa época, possivelmente nos anos vinte, quando ele deveria contar uns trinta e poucos anos, teria ele, embarcado num caíque que lançou n'água na Fazenda da Esperança, e descido o Lajeado até a foz com o Forquilha. Contava ele que em uma cachoeira, que

dizia situar-se próxima à localidade do “Faxinal”, teria virado o barco e perdido quase todas as tralhas que levava, inclusive uma *Winchester* (papo amarelo, cal. 44), perda até hoje sentida por seu neto, o amigo Anselmo Machado, inveterado colecionador de armas, que desde quando soube do fato já varreu inúmeras vezes o fundo do rio, buscando, em vão, encontrar tão cobiçada relíquia.

Estas histórias, ao contrário de nos trazer receios, mais aumentavam nossa curiosidade. Não que esperássemos encontrar alguma arma perdida, um remo flutuando ou tições de fogueiras deixadas pelo vovô Lulu, mas certamente porque esperávamos buscar nos centenários angicos, ipês, cedros, canelas e outras árvores que ainda se plantam nas margens rochosas do Faxinal, alguma testemunha contemporânea daqueles fatos, para que, vendo-os, revivêssemos aqueles momentos épicos vividos pelo festejado patriarca.

Foi assim, com estas e tantas outras expectativas que, enfim, projetamos nossa “travessia”. Esperamos décadas, mas resolvemos enfim! Foi na sexta-feira, dia 22 de novembro (data que marca pelo menos duas das mais significativas passagens da história mundial – a morte de John F. Kennedy, o insigne Presidente dos Estados Unidos, e, não menos significativa, além de muito mais alegre, o meu nascimento) de 1996, às 10 horas, que recebi, como “presente de aniversário”, o telefonema do Zizi e do Ricardo, parabenizando-me pela data e convidando-me para iniciarmos no sábado, bem cedo, a nossa tão esperada expedição.

Presentes são dádivas de amigos, no caso de irmãos, e não poderia recusá-lo, mas como pensei que talvez para eles fosse muito penoso, oportunistizei-lhes o direito de se arrependerem, concedendo-lhes o prazo de duas horas, que expiraria ao meio-dia daquela sexta-feira, para que retornassem o telefonema, comunicando-me eventual arrependimento. Após tal e tão dilatado prazo, não aceitaria a retomada - a oferta seria irretroatável. Por precaução, retirei o fone do gancho e somente o recoloquei depois do meio dia.

No dia seguinte, saí de Passo Fundo muito cedo, e ao longo de cem quilômetros de estrada, enquanto escutava as nativistas da “Rádio Planalto”, ia imaginando, ansioso, como seria a nossa tão esperada aventura.

Em Lagoa Vermelha, já me aguardavam, com a mesma ansiedade, os manos Zizi e Ricardo, com a tralha que levaríamos toda separada

e depositada ao lado da camioneta do Ricardo, ainda na garagem de sua casa. Eram caixas de isopor, caixas com mantimento, churrasqueira, lonas, colchonetes, sacolas com as roupas individuais, remos, etc. Ao vê-la e medir o diminuto tamanho da embarcação que nos deveria levar, ponderei sobre onde nós nos colocaríamos, já que o badulaque era tanto que certamente não sobraria lugar para a tripulação.

Tratava-se de recente aquisição em sociedade entre o Ricardo e o Fernandes, consubstanciado em um pequeno barco de alumínio, tipo “chata”, com quatro metros de comprimento, dimensão que seria razoável, mas com a borda baixa, fato que não permitiria uma sobrecarga, sob pena de correremos o risco de naufragar. Pensamos então em levar, a reboque, um barco inflável, onde poderíamos carregar grande parte, ou até todo o material pretendido. A sugestão foi aceita e o Christiano, nosso imediato, providenciou com celeridade ímpar a vinda do barco que estava na casa do Zizi.

Carregamos os barcos e toda a tralha na Pampa (foto abaixo), e levamos conosco o Christiano, para trazer de volta o veículo. Partimos rumo à Fazenda da Esperança, mesmo lugar onde o vovô Lulu um dia tinha escolhido como ponto de partida.



Na estrada, encontramos o Anselmo Machado, que se dirigia à mesma fazenda, encontro que nos foi de grande valia, vez que o amigo então nos indicou o caminho e o local do “porto” onde poderíamos lançar o barco no rio.

Descarregada a camionete e lançado o barco n'água, verificamos que seria impossível levar o barco inflável, face à força das águas e à impressionante incidência de grandes pedras salientes no leito do rio, que fatalmente provocariam furos ou cortes na embarcação. Assim, teríamos mesmo que arrumar espaço para o indispensável, descartando da bagagem tudo o que pudéssemos considerar supérfluo. O Ricardo se agarrou na sua caixa de medicamentos, o Zizi no seu cantil e eu na caixa de isopor, e, em uníssono, bradamos: ISTO É INDISPENSÁVEL!

Com muito jeito, projeções e ponderações, carregamos o que foi possível e, afoitos, após breve despedida do Christiano, do Anselmo e dos seus acompanhantes, um filho e um sobrinho, dois piazones muito ativos que entraram na água para nos ajudar no lançamento e carregamento do barco, de cujos olhos saíam chispas de desejo de embarcarmos conosco, saímos “galopando” no lombo da forte correnteza.

Desde logo antevimos que a jornada seria bem mais difícil do que imaginávamos! O rio estava baixo, pouco permitindo a navegação a motor, face às corredeiras que se emendavam, externando em seu curso escuros “lombos” de grandes pedras.



As pedras que avistávamos eram relativamente fáceis de desviar, mas as que estavam submersas consistiam em autênticas armadilhas para a frágil hélice plástica do Johnson 3.3 HP, que escolhemos como nosso impulsor artificial. O jeito era usarmos a força natural - a correnteza

- e os remos, estes mais para direcionar o barco e desviar dos obstáculos. Neste tranco, ouvindo os sabiás e algum nhambu retardatário, que apesar de ir longe o alvorecer, ainda insistiam em chamar as eventuais companheiras, descíamos o nosso rio. Em menos de uma hora já havíamos arrastado o barco em dezenas de corredeiras, e, em uma delas, com uma cascata ao final, tivemos que descarregar a embarcação, descê-la com uma corda e retomá-la a jusante, onde recarregamos e prosseguimos.

Por volta das 11 horas, envoltos apenas pelo rumor das águas que continuavam a nos arrastar na mesma carreira, avistamos uma lontra que brincava próxima à margem direita. Seguramo-nos em sarandis e o Ricardo teve o tempo que desejou para filmá-la, registrando esta imagem muito pouco comum, vez que, sendo animal de hábitos noturnos, dificilmente nos brinda em sua tão despreocupada brincadeira. A lontra é um dos poucos, senão o único animal que continua a brincar mesmo depois de adulto, e aquela parecia uma dessas focas amestradas, proporcionando um espetáculo realmente ímpar que nos fez, por alguns momentos, até esquecer a faina incontida a que estávamos obrigados.

Imagino que trafegávamos próximo ou mesmo pelas terras do Sr. Il Andrade quando nos deparamos com nova queda d'água, antecedida também de longas corredeiras. Novamente nos utilizamos das cordas, descemos o barco e buscamos montá-lo no poço que se seguia. Enquanto o Ricardo e o Zizi embarcavam, eu aguardei segurando, mas quando fui tentar o embarque, já não consegui pisar no fundo e, simplesmente agarrado na lateral da embarcação, aguardei que as águas nos levassem até um local propício para o reembarque.

Já havia passado do meio dia quando resolvemos parar para o almoço. Encontramos um bom porto, lançamos as amarras em uma frondosa pitangueira, que deitava seus galhos carregados de frutas sobre uma grande laje de pedras, e providenciamos o desembarque do “farnel”. Almoçamos excelente churrasco de ovelha e coração de boi, que havia sido prévia e meticulosamente temperado pelo Zizi. Tão previdente, ele trouxe inclusive uma churrasqueira portátil e o carvão, que facilitaram e aceleraram a preparação do banquete.

Nesta primeira parada, aproveitamos para verificar a carga e resguardar o que estava molhando, porque cada vez que embarcávamos, trazíamos para dentro da canoa considerável quantidade de água, que ia se acumulando no fundo e ensopando nossos trastes. Até as minhocas, trazidas em uma lata, estavam sendo afogadas e precisávamos salvá-las,



pois pretendíamos aproveitar a “boca da noite” para uma pescaria de jundiás. Eram assim, nos tempos idos, as nossas pescarias: na boca da noite, um caniço nas costas e quiçá uma linha sobressalente no bornal, chegávamos ao pesqueiro. Lanterna à pilha era rara e muito mais em mão de piá, e nem mesmo era necessária, tamanha a nossa glória de par-

ticipar. Usava-se lampião a querosene às vezes, e, se não tivesse, a solução estava nas grimpas, sempre com suficiente iluminação. Mosquito também não nos tirava do mato. Fazíamos várias pequenas fogueiras com esterco, de vaca ou de cavalo, e nos acomodávamos em silêncio na beira do poço, de onde só saíamos lá pelas 24 horas, geralmente com uma boa “feira” de bigodudos.

Desta sempre aguardada prática, tornaram-se conhecidos os pesqueiros, designando-se os locais pelos seus “descobridores”. No rio Santa Rita, até hoje lembramos do “pesqueiro do tio Isquierdo”, na boca do despraiado; o do tio Arcindo, no mesmo Santa Rita, mas em poço mais profundo, de onde nem as formigas “correição” o tiravam antes da madrugada; e o do tio Arnaldo, no rio Forquilha, no paredão de pedras, margem esquerda do “poço do Primínio”. Foi neste último que junto com o pai fiz a minha maior pescaria de jundiás e traíras. Naquela noite, tiramos 36 peixes, cujo peso era superior às minhas forças, embora também elas não fossem muito grande, apenas proporcionais aos doze ou treze anos que contava.

Almoçamos, mitigamos a sede com auxílio de uma “Skol”, e prosseguimos.

A viagem continuava no mesmo tranco, as corredeiras se sucediam entrecortadas por alguns poços de curta extensão, fazendo com que nossos esforços - remar, dirigir e arrastar o barco, também se perpetuassem. Logo nos deparamos com um trecho em que o rio corria entre verdadeira fenda de rochas, com altas escarpas, principalmente na margem esquerda. Das histórias que ouvíamos, e segundo o Zizi por conhecimento próprio, tratava-se do “Poço do Paredão”, local onde teria se realizado a célebre “pescaria” dos falecidos Hugo Siliprandi, Alvino (alfaiate) e João Carpes. Ouvimos muitas vezes a história contada pelos próprios personagens que a encenaram. Contavam que o Seu Hugo, que media pouco mais de 1,60m de altura, quase tão baixo quanto largo, tamanha robustez, o Seu Alvino, que usava muletas para suprir a falta de uma perna, e o Seu João Carpes, que tinha uma perna dura, resultado de um tiro de fuzil Comblain que recebeu na revolução de 1.930, resolveram ir pescar no paredão. Levaram com eles um cãozinho vira-latas, de estimação do Seu Hugo, o Teco, ensinado a ir buscar tudo o que o seu dono atirasse, onde quer que o objeto caísse. A pescaria naquela tarde seria diferente: iam detonar uma banana de dinamite que há muito custo haviam conseguido em uma pedreira da prefeitura, num descuido do encarregado o “compadre Kiko”, com o que esperavam “encher os ba-

laios”. Escolheram com cuidado o local ideal, naquele costão de pedras, onde havia uma pequena trilha no meio do mato que levava até o campo, para que pudessem se retirar a tempo após o lançamento do explosivo na água. Sem atentar para o Teco, que fãceiro tudo observava, o Seu Hugo acendeu o estopim e jogou o petardo, ficando os três a observar a queda da bomba na água, vez que teriam exatos cinco minutos até a prevista explosão, tempo suficiente, apesar da gordura de um e da deficiência física dos outros, para chegarem ao campo, local seguro, de onde só ouviriam o tiro. No entanto, serelepe e atento, tão logo o dinamite saiu das mãos do Seu Hugo, o Teco mergulhou no rio e nadou afoito e prestativo em direção à bomba, que fumegava na flor d’água, buscando cumprir à risca o ensinamento do dono. Antevendo o que aconteceria, os pescadores começaram a ralar com o cãozinho, pedindo-lhe insistentemente que ele largasse a encomenda: “larga, Teco! Solta, Teco! cuidado, Teco...”, gritaria que, ao ouvido prestativo do animalzinho, soava como mais um incentivo, impulsionando-o a nadar mais depressa em direção aos amigos humanos. Percebendo que o Teco cumpriria a sua missão a qualquer custo, os compadres viraram-se para a trilha e começaram a “correr” (ou se arrastar) morro acima, em direção ao campo, com o tropel do cãozinho e o chiado da bomba nos seus calcanhares. E nesta altura da narrativa, o Seu Hugo fazia um longo suspense e concluía: “De repente, não mais que de repente, chereberebe, BUHNNNN...! Nem a dentadura do Teco restou!”

Com tais lembranças, que nos faziam voltar no tempo, esquecíamos por alguns minutos a realidade de nossa jornada. O Ricardo, já movido a Voltarem, ainda lembrava da filmadora e vez por outra, quando a emoção era maior, fazia algumas tomadas, que justificava como sendo “para que não duvidem” quando contarmos por onde passamos.

Nascidos às margens do rio “Passinho Fundo”, sempre alimentamos muita curiosidade acerca de sua confluência com o Lajeado. Enfim a encontramos. O pequeno rio surgiu manso no meio de um verdadeiro túnel de árvores da margem esquerda, e, represado, trava uma grande e aguerrida luta com o Lajeado, até entrelaçarem suas águas e continuarem lado a lado, aumentando então o volume e a largura da nossa hidrovía, (foto a seguir). Belo pesqueiro, disse o Zizi, ótima sombra, retorquiu o Ricardo, queixando-se que o efeito do Voltarem havia passado...

Logo abaixo, avistamos algumas “chácaras”: a primeira, do Sinclair Bombassaro, que juntamente com seu irmão, Ibanor, nos recebeu



com uma gelada “Daniela Mercury” (cerveja Antártica), que foi sorvida ali mesmo, no cais do belo porto que construíram. Com os amigos, informamo-nos das distâncias que ainda teríamos de encurtar até chegar ao nosso destino, e diante das assertivas não muito confortadoras, o Zizi, previdente, aproveitou para renovar o estoque do seu cantil, vez que “a noite seria muito longa”. Não nos demoramos muito com os amigos, vez que o tempo se armava pra chuva e eles também estavam carregando o carro para retornarem à cidade, temendo que o aguaceiro os fizesse posar atolados em alguma lomba da primitiva estrada, que ainda utilizam para chegar no pesqueiro.

Logo após as chácaras, entre elas a do amigo Marco Polo, que gentilmente nos entregara as chaves ao sairmos da cidade, dizendo que era para o caso de termos que posar na estrada, nos deparamos com um trecho de extensas corredeiras e pequenas quedas d’água, que, apesar do “know-how” que já havíamos adquirido, nos assustaram. Pela direita, o rio terminava numa queda acentuada, para cuja transposição antevíamos grandes manobras, inclusive com descarregamento do barco; então optamos pelo braço da esquerda, que, pior, terminava num verdadeiro mato de sarandis, intransponível, contra o qual estávamos sendo arrastados à grande velocidade e em direção a uma queda d’água. A correnteza era forte e o rio não muito profundo, talvez meio metro, e os remos, apesar de bem manejados, “afundados n’água” como recomendava o Seu Osvaldo, não venciam a corrente que nos levava para a cascata. Contra a expressa recomendação do Ricardo, que temia a que-

bra da hélice plástica, se viéssemos a bater em pedras, ligamos o motor e, com aceleração máxima, patinamos corrente acima, retornando ao início das corredeiras. Não tínhamos outra opção. Teríamos que seguir a via da direita, que embora também de correnteza muito forte e pedras salientes, não terminava em queda d'água. Nos preparamos e, invocando Santa Bárbara, “pra domar o temporal”, como diz o poeta Pantaleão, dirigimos o barco para o centro da correnteza, em direção a um desvio que se projetava ao lado da cascata. A canoa literalmente galopou, deu uns corcovos e embicou rumo ao despenhadeiro de águas, seguindo, como esperávamos, a corrente mais forte, passando ao lado da cascata para ir chocar-se contra algumas pedras que se projetavam logo abaixo. O barco estava inundado, prestes a afundar. Num repente, levados apenas pelo instinto, saltamos os três para cair ao lado da canoa, agarrados às suas bordas, para dominá-la e nos equilibrarmos. Assim, ora arrastados pelo barco e ora arrastando-o, fomos nos conduzindo água abaixo. Foi neste ponto que pisei em uma fenda entre duas pedras grandes, enquanto o barco vinha de encontro a mim, não me deixando alternativa senão o mergulho e a espera de sua passagem sobre a cabeça. Muitas borbulhas e o barulho estonteante das águas se confundiram com a dor intensa que senti na perna esquerda, vítima antiga de tantas botinadas pelos gramados da várzea. O Zizi e o Ricardo, percebendo o mau-bocado porque eu passava, seguraram-se em sarandis, enquanto aguardavam que eu me recuperasse.

Depois destes contratempos, somados a tantos e incontáveis que já havíamos passado, pensávamos que o rio também já estivesse cansado e nos concedesse uma trégua, (foto a seguir). Vã esperança a nossa! Constatamos que o Lajeado, como o nordestino, é acima de tudo um forte! Estava nos vencendo, como vem vencendo há séculos a ação impensada dos agricultores, que o assoreiam com suas terras e envenenam suas águas com seus inseticidas e herbicidas; dos madeireiros, que derrubam suas matas ciliares, proteção natural de todo curso d'água, e até de nós mesmos, humildes pescadores de caniço, que às vezes nos esquecemos do lixo em nossos acampamentos, plásticos e latas que a chuva, faxineira divina, irá lançar ao rio, que tanto desejamos proteger. Mas até quando este e tantos outros rios que admiramos continuarão, embora com alguns arranhões, seguir vencendo a poluição ambiental?

Hoje ainda podemos dizer que o Lajeado é um vencedor, e testemunhamos isso. Suas margens, já desbastadas dos pinheiros que abrigava em tempos idos, ainda está revestida por grandes canelas, cedros,

angicos e até por nhanduvais, árvore de madeira tão dura que era usada para fazer cunha para rachar o cerne da guajuvira; muitas frutíferas, como a guabiroba a uvaia e a pitanga, que nesta época fazem a festa dos lambaris e jundiás, que saltitam em suas sombras projetadas n'água.

E assim não havia trégua. O “valente líquido” não queria sequer ouvir falar em armistício e seguia nos arrastando a seu bel prazer. A sua força, ao contrário da nossa, era cada vez maior, e a tarde já ia do meio pro fim. Um longo poço, enfim, e avistamos a barra do Forquilha. Não sei quem batizou estes rios, mas, nessa minha ignorância, não consegui compreender como passamos então a navegar no Forquilha, se o Lajeado, que nos havia trazido até então, era pelo menos três vezes maior que o pequeno afluente de cujo nome agora se apropriava. Talvez porque “Lajeado” seja um nome comum a tantos córregos, o “velho guerreiro” tenha optado por “Forquilha”, nome beligerante, se o associarmos aos nossos bodoques, ou mais imponente e curioso, se atentarmos para a sua geografia.

O bodoque era parte integrante do nosso pescoço enquanto piás. Os bolsos das “calças curtas” viviam furados pelas pedras. Nas caçadas grandes pelas restingas enchia-se um “bocó” de pano, carinhosamente confeccionado pela mãe, que se carregava a tiracolo. As pedras dos despraiados eram as melhores, bem redondas, não “variavam”, e com uma boa forquilha de goiabeira, borrachas que o Pai não deixava faltar e courinhos que o Seu Chermello nos obsequiava, estávamos sempre armados.

O certo é que o pequeno Forquilha, como num passe de mágica, tragou o Lajeado, e com ele em seu seio continuou a nos arrastar, com a mesma ou ainda maior força.

Ao entardecer, vimos muitas aves atravessando o rio. Patos, aqueles da Patagônia, pretos, tendo o macho uma mancha branca nas asas, nadavam com suas crias à nossa frente, e quando nos aproximávamos, simulavam algum ferimento, para que os seguissemos, enquanto os pequenos se escondiam entre os sarandis. Papagaios, em suas conversas de voo, dois-a-dois, passavam mais alto, buscando talvez os últimos pinheiros onde costumam pernoitar. Os jacus, com seus voos



desajeitados, transpunham o rio, num vai-e-vem incompreensível, contrabandeando querências, ora pra um lado, ora pra outro, enquanto ao longe, sobre os morros de pedras, ouvíamos os bem-te-vis, em sua onomatopeia infundável com que se despedem do dia.

Diante de tão bela paisagem, e para nos prepararmos para mais uma corredeira que se aproximava, fizemos uma pequena parada sobre uma laje de pedras que se formava na margem direita. Arrumamos a carga, o Ricardo encontrou umas mariolas para buscarmos glicose, e prosseguimos.

Assim como os animais e aves, sentíamos que era o momento de procurar um local adequado para o pernoite. O sol havia desaparecido por trás do cerro e as sombras da noite iam encobrendo aquele ermo sertão. As margens continuavam escarpadas, não se antevendo nenhum lugar plano onde pudéssemos improvisar um bivaque. O poço em que navegávamos, talvez o mais extenso até então encontrado, medindo cerca de um quilômetro, já acelerava suas águas, sugadas pela nova corredeira que se aproximava, e já nos trazia o seu som tão familiar. A noite já não nos deixava alternativa. Tínhamos que acampar antes daquele novo obstáculo, e por isso aportamos na margem direita, onde havia uma pequena entrada na espessa mata ciliar. O Zizi desceu primeiro, com o facão de mato em punho, e saiu “abrindo picada” morro



acima, lembrando, certamente, as duras penas a que submetera tantos “ponteiros” em suas medições de terras, como o seu Zeca, que quando indagado sobre como estava indo a picada, invariavelmente respondia: “agora está brabo, mas o pior tá na frente!” Antes que eu e o Ricardo houvésemos amarrado o barco, ele já gritava, de onde mal o podíamos ouvir, um pouco pela distância, outro pouco pelo barulho das águas,

que lá em cima havia um lugar plano. Nos entreolhamos, avaliamos o peso e a quantidade da carga que teríamos que transportar morro acima, e aticamos os olhos, no lusco-fusco do entardecer, buscando uma outra alternativa. Foi quando avistamos uma clareira maior, bem na entrada da corredeira, na margem esquerda do rio. Chamamos o Zizi e nos dirigimos para aquele recanto, esperando que a sorte nos ajudasse, ou então teríamos mesmo de subir o morro com toda a tralha.

Demos sorte. Não se tratava somente de uma clareira, mas de um acampamento de madeireiros, inclusive com rústicas armações para colocação de lona. Era um local plano, de fácil acesso ao rio e abrigado do vento. A chuva que agora caía, típica de dias de inverno, aquelas “de molhar bobo”, já se fazia sentir em nossos lombos cansados. Disse “lombos”, mas na verdade o corpo inteiro estava cansado e dolorido. Doíam os braços em consequência do peso dos remos, doíam as pernas pelo esforço de arrastar o barco e pelos ferimentos incontáveis, lembrança amarga das cutiladas que as pedras aguçadas nos impuseram ao longo do dia, doíam as costas e até a cabeça... Mas a ALMA estava intacta! Saudável mesmo, ao ponto de fazer graça com a desgraça de nem sequer um lampião haveremos lembrado de trazer. A noite não seria escura, vez que a lua cheia já apontava iluminando o nosso “acampamento”. Descarregamos o barco e de imediato providenciamos três fogueiras: uma para assarmos a carne e duas para secar os colchonetes e cobertores, vez que ao descarregá-los, percebemos que haviam bebido quase toda a água do Forquilha. Atiramos a lona por sobre a armação existente e providenciamos uma considerável reserva de lenha, ante-endo uma longa, molhada e fria noite.

Enquanto eu assava a carne, o Zizi estirou-se sob a lona, no chão duro, elogiando aquele colchão natural como se fora do melhor hotel cinco estrelas do mundo! Cinco não, tínhamos centenas de estrelas agora! A chuva havia passado e o céu limpo as apresentava em todo o seu esplendor, rivalizando em claridade com a lua e com as nossas fogueiras. Percebemos que galho de pinheiro não é boa madeira para lenha quando se quer lavareda para secar roupas, pois só faz brasa e cinza! Mas seu calor ajudava, enquanto o Ricardo fazia o “inventário” de seus medicamentos. Ele sentia dor de garganta. Talvez um dos poucos lugares que em mim não doía, provavelmente porque há muitos anos extirpei as amígdalas. Pediu-me que lhe fizesse um exame. Aticei bem um tição, pedi que se voltasse para a lua e abrindo a boca dissesse “AhAhAhAhAh”. Técnica médica infalível. Percebi logo a formação de

grandes placas brancas, encobrendo quase que totalmente suas amígdalas. Era possível que a alegada febre estivesse mesmo presente!... Mas o que fazer? Continuaría aplicando a “técnica médica” de campanha, afinal de contas, seria mais eficiente uma mentira, se outro remédio não havia. “E daí?”, perguntou o Ricardo, “como estão minhas amígdalas?” Respondi de plano, demonstrando surpresa, mas que amígdalas? Nem as avistei! Imaginei até que já as houvesse operado! Não se preocupe, não há qualquer inflamação. Deves ter machucado a garganta com algum osso de ovelha durante o almoço.” Hoje me penitencio, mas de que adiantaria indicar o diagnóstico correto, se dos medicamentos de que dispúnhamos ele já havia experimentado todos, e em dose dupla?

A amigdalite do Ricardo e o convidativo colchão do Zizi tirou-lhes o apetite. O churrasco estava pronto e era repetência do almoço: pernil de ovelha desossado e coração de bovino, com aquele tempero de que já falei. A carne dourada à luz do fogo era um convite irresistível, e, ao contrário da pouca fome dos companheiros, a minha havia triplicado. Com a “coqueiro” bem afiada, fui lonqueando aqueles espetos, ofertando uma lasca para cada um dos “deitados”, enquanto sorvia uma cervejinha e aceitava o meu quinhão.

Após a janta, continuamos “assando” os trens de cama até por volta das 23 horas. Colchonetes e cobertores enfumaçados, mas já sem tanta água, nos permitiriam esticar os ossos. A lona, esticada sobre o suporte, acabava com as duas pontas no chão, feito tenda indígena, ficando abertas as duas laterais, em portas com formato de um triângulo retângulo (foto abaixo). Colocamos os forros sob a lona, e antes que houvesse separado os cobertores, o Zizi já estava deitado na extremidade mais próxima do fogo, o Ricardo acomodou-se a seu lado, sobrando para mim a outra porta. De início não havia percebido a pressa que tiveram na escolha dos lugares, o que só fui compreender quando deitei. Ocorre que no local que me destinaram tinha um grande “olheiro” de formigas saúva, de cujos olhos saltavam chispas de raiva, porque o Ricardo as havia tentado afugentar com combustível do motor. Agora eu tinha dois problemas: as formigas e o forte cheiro de gasolina que exalava debaixo do meu travesseiro, ou melhor, do meu velho casado feito travesseiro. O outro problema, os colchões encharcados, fora de plano relegado, tendo eu sugerido que se tratavam de “colchões de água”, recomendados pelo “curandeiro daquelas paragens” como tratamento para nossos traumatismos generalizados.



Foi certamente em uma situação como esta que o grande poeta Jayme Caetano Braun compôs “Galpão de Estância”, pois quando não se tem nada, se valoriza o pouco que se tem e, ademais, *“o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada”*:

“Na severa autoridade
Do teu paterno aconchego
Tive um berço de pelego
Que deixei ao deus dará
Mas nas voltas que se dá
No canhadão da existência
Meu velho abrigo de piá (...)”

O sono veio de imediato, mas foi de curta duração. Acordei a uma hora da madrugada com vários sintomas novos: as pernas e os braços ardiam pelas picadas das formigas; no rosto uma coceira incessante que somente no dia seguinte fui perceber pelas marcas que não passavam de “simples” picadas de pernilongos; e, no resto do corpo um frio úmido e intenso, consequência das roupas molhadas. Mas fora isso, estava “tudo bem”! Aticei o fogo, e no clarão produzido pelas labaredas

percebi que os companheiros não estavam muito melhor. O Ricardo, de olhos arregalados, procurava já àquela hora uma réstia do dia que tardava a chegar, enquanto o Zizi resmungava, elogiando a “comodidade” das camas.

Até o raiar do dia foram muitas viradas, tapas nos pernalongos, blasfêmia contra as inocentes saúvas, e muito tiritar de frio. Mas, enfim, o nhambu cantou, e antes que seu primeiro trinado houvesse acabado, estávamos todos de pé. É por isso que dizem que “butuca tira o boi do mato”. Estávamos refeitos depois daquela noite “bem dormida”, ou então nossa disposição era para que a jornada prosseguisse e chegasse logo ao fim. Aquecemos a água para o café em latas de Skol (mais uma serventia para o recipiente), e com as sobras do churrasco fizemos a “colación”, como costumava denominar o Tonial à refeição matinal.

Antes das 07 horas da manhã, havíamos levantado acampamento e carregado o barco. Como havíamos acampado na entrada da corredeira, nosso dia começou agitado. Depois de escolher o caminho que seguiríamos, lançamos o barco naquele verdadeiro “tobogã”, desviando pedras e sarandis, até uma ilha que se formava no meio do rio e interrompia a corredeira numa abrupta cascata. Seguramo-nos nos sarandis e descemos do barco, esperando encontrar a água muito fria. Mas qual não foi nossa surpresa: o rio estava “quente”, não sei se pelo contrastes dos nossos corpos enregelados ou se pela ação das enormes fogueiras que alimentamos durante toda a noite. Vejam que pinheiro não faz lavareda, mas esquentá!

Depois desta última cachoeira, cuja transposição só foi possível com a utilização das providenciais cordas, desembocamos em um poço que se iniciava em uma curva do rio, com um paredão de pedras na margem direita. Algumas centenas de metros à frente, deparamo-nos com a barra do rio Barreiro, cenário muito semelhante à foz do Passinho Fundo e do próprio Forquilha, com aquele túnel recoberto de espessa vegetação e as águas calmas formando o piso da hidrovia. “Belo peixeiro”, repetiu o Zizi; “devemos estar perto da Casa da Dinda”, retorquiu o Ricardo, enquanto escarafunchava em sua mochila em busca de mais um comprimido.

Sucederam-se ainda algumas corredeiras menores, vencidas com fortes remadas e com a grande experiência adquirida nas últimas 24 horas - é, nossa jornada já se prolongava por exatas 24 horas! Havíamos saído da Fazenda da Esperança às 09 horas do sábado e agora



estávamos no domingo, dia 24 de novembro, e os encharcados cronômetros marcavam 09 horas.

E foi enquanto comentávamos sobre a coincidência do horário de nossa partida que o Ricardo, inadvertidamente, sacou seu 38 marca Rossi, cinco tiros, no qual havíamos confiado toda a nossa segurança durante a longa e “perigosa” jornada, e apontou para a margem direita do rio, onde havia um bonito remanso com aguapés, e disparou três tiros, ou melhor, puxou três vezes o gatilho, e em cada uma delas ouvimos dois estalos: um da espoleta e outro do projétil caindo a menos de dois metros da canoa. A munição molhada não detonou, mas o grito que se seguiu, saído da “prejudicada” garganta do Ricardo se fez ouvir até nos Três Pinheiros: “É o Poço do Primínio!...”

Estávamos chegando. Motor à toda, naquela “velocidade” que o 3.3 habitualmente imprime, e pouco mais de 15 minutos aportávamos no espriado do Paço Velho. Vinte e quatro horas de viagem, apenas três litros de combustível consumido pelo motor e muitos por nós, e havíamos cumprido a nossa jornada!

Descarregávamos as tralhas, transportando-as para próximo da nossa cabana, construída há anos pelo pai, e ponderávamos sobre os prós e os contras da aventura. Para o Ricardo, naquele momento, teria sido a última, sentenciando: “Podes escrever a tua história, mas no



título eu acrescento: “Última e Derradeira Parte”. Desde logo, no entanto, ponderávamos que “havia valido a pena”, pois aprendêramos quase tudo, ou pelo menos conhecemos grande parte do Lajeado e do Forquilha, suas belas margens, com a mata nativa e sua fauna, as fortes correntezas, inúmeras cachoeiras e, sobretudo, suas incontáveis “armadilhas”

de pedras vulcânicas, bravos pilares negros que sustentam a intocabilidade do “nosso rio”.

Agora era aguardar “a cavalaria” que ficara de nos resgatar. Nem havíamos fechado a primeira roda de mate e lá estava ela: a Elisabete, a Marione, o Christiano e a Ana Cristina, que nos ajudaram no carregamento das tralhas, para nos conduzirem de volta à civilização.



Ao nos retirarmos, passando pela casa do “Nêgo”, atual proprietário daquelas terras, ele nos perguntava o que tinha acontecido, já que apenas as mulheres e as crianças haviam chegado no acampamento e nós já íamos nos retirando. Explicamos-lhe por alto a nossa aventura e ele, de longe, retorquiu: “Vocês são loucos!”, e já se virando, enquanto o Ricardo dava partida na Pampa, rodopiava o indicador em direção à orelha, em sinal característico para a demência que nos atribuía.

Loucos ou aventureiros, o certo é que já estou curioso para saber como é o Forquilha, do Passo Velho até quando o “nosso rio” se encontra com o Uruguai. Já estou recebendo adesões e esperando, com absoluta certeza, que outros “loucos” haverão de aparecer para nos acompanhar na próxima, a já tão aguardada: **“Quem Nada Faz, Nada Tem Para Contar”**.



DESCENDO O RIO IBICUÍ



O Ibicuí é, sem dúvida, um dos rios de belezas naturais mais exuberantes deste garrão de pátria, e conhecê-lo com mais detalhes, através de navegações ao longo de seu curso, sempre nos despertou curiosidade. Desde 1978, quando a ele fomos apresentados, acampados na barra do rio Jacundá, e depois nas repetidas vezes em que voltamos a visitá-lo, anualmente, em locais diversos, o amigo Ibicuí foi um desafio. Com suas extensas praias e enormes ilhas de areia brancas nas épocas de seca, ou com sua descomunal força nas enchentes, engolindo barrancas e carregando árvores inteiras, o velho rio prossegue maravilhando os olhos dos aficionados da natureza.

Em suas praias e ilhas, acumulam-se bandos de aves aquáticas, maçaricos, colhereiros, marrecas caneleiras, pardas e até o marrecão, enfeitando a bela moldura deste verdadeiro “cartão postal” da fronteira. Ainda não é raro avistarem-se capivaras, jaguatiricas, sorros (graxains) e jacarés, sempre ao som do coro forte dos bugios, que invariavelmente anunciam a chegada do dia, bem como que encerram a jornada, determinando o revezamento do turno e mandando a fauna diurna ir dormir ao fim da tarde, para dar lugar aos boêmios que preferem a noite.

Esta obediência das regras e leis naturais é absolutamente pacífica: ninguém contesta e nem pretende contrariar, porque sabe que o preço desta infração pode ser a própria vida.

Fauna, flora, topografia, curiosidades que nos impulsionam e fazem superar com muita folga a apreensão contra eventuais perigos, percalços ou sofrimentos que tenhamos de enfrentar neste tipo de aventura: barco encalhado, correntezas ou maresias, motor quebrado, chuvas, etc, são lembrados em nossas ponderações, mas para cada contratempo, encontramos na teoria uma solução, e quando ela não vem, deixamos por conta da sorte, que sempre nos apresenta alguma forma de contornarmos tais adversidades.

Com estas imagens dançando em nossos pensamentos, como já haviam bailado por tantos anos em sonhos anteriores, estabelecemos o dia 09 de outubro de 1998 para promovermos esta tão esperada navegação pelo Ibicuí. Sairíamos da ponte do rio Jaguari, a 20 km de São Vicente do Sul, desceríamos até o Ibicuí, e por ele passaríamos por São Francisco de Assis e Manoel Viana, até a fazenda do Dr. Domingos Cunha, situada a trinta e três quilômetros após a ponte de Manoel Viana.

Estas quilometragens eram calculadas de forma aproximada, pela simples proporção entre estradas e rios, tendo o Zizi, ponderando a tortuosidade dos rios que iríamos navegar, apontado uma distância superior a 150 quilômetros, do início ao fim da jornada.

Tendo saído de Passo Fundo às 06h30min, em uma caravana de quatro veículos, chegamos na ponte do Jaguari às 11h45min. Descarregamos o barco e o lançamos nas águas turvas do rio. O local tem barrancos altos e a operação de lançamento da embarcação, uma canoa de alumínio de 5m de comprimento, equipada com motor de popa com 15 HP, e carregamento das tralhas foi bastante dificultada. As encostas barrentas devido às chuvas recentes deslizavam sob nossos pés, provocando inevitáveis quedas (sequência de fotos abaixo). Com jeito e bastante esforço, ajudados pela turma de apoio, fomos ajeitando a carga, composta de barraca para dormir, colchonetes, uma caixa de isopor com mantimentos, sacolas impermeáveis com as roupas, lampião e fogareiro a gás, coletes salva-vidas e mais alguns poucos objetos pessoais que cada um escolheu como prioritário. Ao final, o barco estava absolutamente lotado, sobrando espaço apenas para os tripulantes - Eu, o Zizi e o Derli, enquanto o restante da turma, composta pelo Fernandes, Tonial,

João Pedro, Toni, Cláudio (MacGyver), Marco Polo e Sérgio Ricardo, seguiria por terra, para acampar e nos esperar na Fazenda do Dr. Domingos e da D. Iolanda.





Às 12h30min, após as despedidas e algumas fotografias, levantamos âncoras e nos benze- mos, rogando a proteção Divina, iniciando ali o nos- so tão esperado reconheci- mento daquelas águas que sempre nos fascinaram.

O rio Jaguari tem altas barrancas, por isso, apesar de cheio, ainda es- tava dentro de sua caixa. As águas estavam bas- tante turvas em face das chuvas e da terra naquele local, muito menos are- nosa que no Ibicuí. A ve- getação ciliar se limitava a uma pequena faixa na

margem do rio; alguns morros se debruçam sobre o rio e nestes pontos a mata era mais espessa.

Havíamos navegado uns quinze quilômetros quando chegamos à barra do rio Jaguarzinho, de cujo ponto se avista ao longe dois morros, sendo um em forma de cone, pontiagudo, e ao lado um outro, com o cume absolutamente chato, parecendo uma pista de pouso.

A fauna nos pareceu muito escassa, talvez pelo horário em que passávamos pelo local, pouco além do meio dia, quando provavelmente a população silvestre estivesse tirando a “siesta”. O certo é que avistamos apenas alguns urubus, poucas pombas carijós voando alto, raros passarinhos menores, gaviões e biguás, entre eles um que nadou e voou à nossa frente por vários quilômetros, pousando e levantando várias vezes, assustado com a nossa presença.

O ponto marcante do Jaguari é sem dúvida a sua foz com o Ibicuí. O rio se alarga consideravelmente, bifurcando-se para formar no meio uma grande ilha de areia (foto abaixo), onde se erguem preguiçosos exemplares de salso-chorão. Diz-se “preguiçosos” porque é esta a impressão que estas belas árvores nos deixam, ao debruçarem seus longos ramos em direção às águas, parecendo pingentes embalando-se ao vento. Esta foz está situada no cotovelo de uma curva do Ibicuí, margem direita, formando assim um grande estuário, local de encontro para muitas aves e animais, cujos vestígios estavam bem nítidos. Ao



descermos na ilha, vimos rastros de capivaras e jaguatiricas e espantamos bandos de marrecas e maçaricos que se alimentavam e brincavam nas praias de areias brancas.

Era pouco mais de 15 horas e já estávamos navegando no Ibicuí. O rio neste trecho não muda em nada as paisagens que dele já conhecíamos: extensas praias de areias brancas, agora um pouco diminuídas em virtude das cheias, ilhas cobertas de salsos e sarandis, e uma mata ciliar não muito larga, mas grande o suficiente para abrigar várias espécies de animais e aves.

Por volta das 16 horas, chegamos na barra do rio Jacundá, onde fizemos uma parada para rever aquelas paragens por onde havíamos passado há cerca de vinte anos, quando fomos apresentados ao “nosso” rio. O Ibicuí estava represando o seu afluente, fazendo com que, na barra, a profundidade fosse superior a três metros. Em épocas de seca, naquele local o rio dá passo, não tendo mais de 15cm de profundidade.

Nessa barra, contava o Seu Osvaldo Lopes (nosso grande parceiro de tantas pescarias) que ele e o compadre “Bino” (Setembrino R. da Silva, reconhecido trovador de rodeios) estavam armando uma rede e sucedeu um fato tragicômico, contado em seu modo característico: “Oia Seu Dedé, o cigarro mata mas também salva. Eu e o compadre Bino *tava* armando uma rede no rio Ibicuí, na barra com o Jacundá, e o Bino, que o senhor conhece bem, de tantas pescarias que fizemos juntos, gordo, baixo, sempre inventando rima e com um cigarro *Minister* na boca. Eu na proa e ele na popa, daquele barquinho de madeiras que o senhor também conhece bem. Indiquei onde devia encostar, em um trecho de corredeira forte, e o Bino rumou para um galho de árvore que se deitava rio adentro, pra mim pegar e ali amarrar a maromba da rede. Ocorre que ele se aproximou de cima para baixo da correnteza. Eu peguei o galho, mas a correnteza muito forte nos empurrava rio abaixo, vergando o galho, que parecia um arco de flecha. Segurei o quanto pude, mas você sabe a força que a água tem! O galho escapou-me da mão e deu no peito do cumpadre Bino, que deu uma cambota no ar, um salto mortal, e *marguiô* no Ibicuí. Me segurei noutra galho e fiquei esperando pra *sarvá* o *cumpadre*. Mas do fundo eu só via as *burbulha* que subiam. Eu já *tava* perdendo as esperanças, porque o local era bem fundo e o Bino podia ter ser enroscado em alguma raiz. De repente, surge na flor d’água, primeiro os zóio, duas bolitas arregaladas, depois o rosto do *cumpadre*, e no beíço o filtro do cigarro seguro entre

os dentes. Respirou fundo, tossiu e exclamou: ‘Oia, *cumpadre*, se não é esta curticina do cigarro, eu não *vortava* do fundo do rio...’ Esta foi, certamente, a única vez que, comprovadamente, o cigarro, ao invés de matar, salvou uma vida!

Prosseguindo nossa jornada, às 16h30min chegamos no Passo do Jacacuí, local onde inicialmente havíamos projetado para ser o nosso primeiro acampamento. Lá encontramos uma turma de pescadores, chegando para acampar. Paramos para colher algumas informações e por eles soubemos que já estávamos bastante próximos de Manoel Viana, pelo que resolvemos seguir em frente.

Às 18 horas, chegamos em Manoel Viana, parando no porto do camping da cidade. Do local, se avista um posto de gasolina, e como precisávamos reabastecer, vez que já havíamos consumido um tanque dos dois que levávamos, o Zizi adiantou-se e foi buscar o combustível.

Com os tanques cheios, embora já se aproximasse da noite, resolvemos prosseguir até encontrar um local propício para acamparmos. Havíamos andado pouco mais de meia hora quando encontramos uma ilha, que foi por unanimidade aprovada como ponto de parada, vez que ali nos sentiríamos mais seguros e haveria menos mosquitos. O acesso à ilha era um pouco íngreme, e a areia solta dificultava ainda mais a subida com as tralhas do acampamento. Contudo, em poucos minutos estávamos com a barraca armada, o fogo pronto, a carne no espeto, e enquanto o Zizi pescava, eu e o Derli fomos assando uma maminha e uma linguça, cardápio pré-estabelecido para o nosso jantar.

O Zizi tentou durante mais de uma hora pegar algum lambari para fazer isca, mas não teve sucesso. No entanto, quando já ia desistindo, porque na isca de carne os peixes não estavam pegando, um lambari suicida pulou dentro do barco, oferecendo-se em holocausto para ser a isca que ele buscava.

A lua cheia não demorou para sair, iluminando o nosso jantar, e enquanto esperávamos o sono, fomos bebericando um vinho, cuja garrafa também estava agendada para aquele momento. O silêncio ensurdecedor daquelas paragens só era quebrado pela nossa conversa e pelo esporádico canto de um urutau que por ali residia. Soprava uma brisa fresca, que aos poucos foi minando nossas reservas, e antes das 22 horas já buscávamos nossos berços.

As noites nos acampamentos são sempre tumultuadas pelos roncões. Aliás, é regra absoluta: o único que não nos perturba é o nosso!

Lá pelas tantas acordei, olhei no relógio, que marcava 02h30min, e no meu lado não vi a cabeça do Zizi, que seria o meu vizinho mais próximo na pequena barraca tipo “iglu” onde nos acomodávamos. Mais atento, atizando os olhos, percebi que ele havia invertido sua posição, não sei se consciente ou inconscientemente, mas com certeza porque não conseguiu conviver com a sinfonia rouca que naquele momento ainda prosseguia por parte do Derli, fazendo com que a barraca, ritmadamente, estufasse e encolhesse, como uma obediente dançarina ao som de um “violino”, como ele costuma dizer. É, esta é a receita por ele prescrita a cada reclamação: imagine que o ronco dos companheiros seja o som de um violino, tocado exclusivamente para embalar teu sono! Aliás, a respeito, contam que quando produzia o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, Walt Disney viajou com um grupo para um fim de semana no campo, e não dormiu nem um minuto porque os outros no dormitório roncavam. Disney estudou seus roncões e descobriu que cada um roncava de forma diferente. Na manhã da segunda-feira seguinte, disse aos roteiristas que iria acrescentar uma coisa na sequência em que os anões estão dormindo, espalhados pelo primeiro andar, porque cederam o quarto deles para a Branca de Neve. Walt disse que cada anão iria roncar de jeito diferente, formando juntos uma “sinfonia de roncões”. O Zangado, como acontecera com Walt, não consegue dormir: fica encolhido no caldeirão de sopa, ouvindo os outros roncar. Dengoso, numa gaveta, ronca gemendo baixo. Num armário, Feliz ronca soprando e termina em longos assobios. O Mestre ronca na pia e gargareja com os pingos da torneira na garganta. Atchim ronca como uma serra de madeira. O Dunga franze os lábios ao inspirar e bate-os ao expirar, fazendo um dueto de ronco com uma mosca (ronca na tonalidade do mi de um violino).

Bem, até hoje não consegui me convencer da eficiência deste remédio “musical”, mas aprendi que para dormir o melhor remédio é o sono. De nada adianta um bom colchão, cobertores, segurança, silêncio, se não tivermos sono!

E pior do que o ronco nestas situações é a flatulência, principalmente a excessiva, aquela que provoca mais de 28 flatos por dia. Em uma ocasião, o amigo Madeira, que já sofria deste problema, havia comido uma grande quantidade de buchada, justificando que desde que viera de Minas Gerais nunca mais encontrara a iguaria tão gostosa. Pescávamos no Pantanal, e ele sempre atrasava pela manhã. Chegava no barco, onde já nos encontrávamos eu, o Enizaldo e o piloto, com considerável retardo. Ele batia na barriga e exclamava: “tomei um Luftal!”

Assim foram os três primeiros dias. Na quarta manhã, o piloto, um paraguaio, pois pescávamos em barco-hotel daquela nacionalidade, não resistiu, e com seu sotaque misturado de português, espanhol e guarani, exclamou: “puxa seu Nicolodi, esse tal de Luftal fede, né?”

Mas os malefícios que no seu quarto deviam ser bem pior para os companheiros, não terminaram ali. No retorno da viagem, passamos em Pedro Juan Cabalero, para compras no Shopping China, e como eu tinha que comprar perfumes, pedi a ele, já que era expert em extratos, que me auxiliasse. Entramos na seção especializada e na nossa frente andavam dois “afeminados”. Um deles pegou um frasco da prateleira e deu para o outro cheirar. O segundo, com trejeitos exagerados, exclamou: “Nossa o que é isso?” ao que o primeiro respondeu: “isto é Chanel 35”. Logo a seguir, repetiu-se a cena: “Nossa, e isto o que é?” “Isto é Carolina Herrera 212”. Quando passávamos pelos moços alegres, o meu amigo soltou um “luftansa” (flatulência provocada pelo Luftal) e, ato contínuo, os dois levaram as mãos para tampar os narizes e em uníssono exclamaram: “nossa, o que é isso?”, ao que meu amigo respondeu: “isto é Luftal 500mg”.

Mas voltemos à narrativa. Naquele momento, o Zizi acordou, também levantou, deu uma olhada na linha que havia deixado armada, iscada com o lambari suicida, mas não demorou muito e retornou para a barraca, vez que a madrugada trouxe uma brisa ainda mais fria.

Às 05h30min, acordamos e de pronto estávamos de pé, já que o tempo amanheceu coberto por nuvens espessas, anunciando que poderia chover muito em breve, expectativa comprovada pelo ronco dos bugios que se faziam ouvir. Enquanto desarmávamos o acampamento, aticamos o fogo e esquentamos água na cambona para o café. Com jeito, fomos recarregando o barco, observando que as roupas e colchões ficassem cobertos por lonas, e que a carga fosse bem distribuída, para melhor enfrentarmos as intempéries.

Após o café, servido antes das 06h30min, zarpamos rio abaixo, iniciando aquele que seria o último trecho de nossa pequena expedição. A viagem prosseguiu sem muitos percalços. Com as águas altas no Ibi-cuí, não nos preocupávamos com eventuais bancos de areia, cuidando apenas das árvores submersas, encalhadas ou flutuantes, que não são raras e podem trazer contratemplos se não forem respeitadas. Contudo, podíamos manter uma velocidade média (calculada) de 08 quilômetros por hora, vez que o barco estava bastante carregado.

Havíamos navegado cerca de duas horas quando entramos em um trecho do rio muito largo e aberto, com uma grande curva à nossa frente. O vento havia aumentado consideravelmente, soprando de proa, do sudoeste (Minuano), e, não havendo nenhuma proteção de árvores ao longo das barrancas da grande curva, as águas estavam revoltas, provocando marolas consideráveis, jogando verdadeiras chuvas a cada choque com as ondas que se sucediam a intervalos mínimos. Protegemmo-nos com capas, revisamos as lonas que cobriam os víveres e as cobertas, e prosseguimos em frente, reanimados com a expectativa de que já estávamos chegando no “Poço do Manguruju”, local que conhecíamos e cuja paisagem era muito semelhante àquela que estávamos vislumbrando.

Ao chegarmos ao fim da curva, avistamos a bomba d’água instalada no Poço do Manguruju, para impulsionar água às granjas de arroz, e então, embora bastante castigados pelas maretas, molhados e com frio, nos tranquilizamos porque estávamos chegando na “Cachoeira das Éguas”, nas terras do casal Dr. Domingos e D. Iolanda Cunha, lugar onde havíamos combinado de encontrar os companheiros que viriam por terra.

Do Poço do Manguruju até a Cachoeira das Éguas tem cerca de cinco quilômetros, que foram percorridos em pouco mais de meia hora. Sucederam-se os abraços e as narrativas da expedição, e então reiniciamos a faina de descarregar o barco e acampar, após um bom café de chaleira, que nos aguardava.



Este é o velho rio Ibicuí. Já um tanto castigado pela poluição, contra cujo mal se utiliza das suas constantes cheias, auto lavando-se periodicamente, mas que sempre lhe deixam cicatrizes. As suas fortes correntes nas enchentes solapam as barrancas arenosas, derrubando árvores e provocando mais erosão. Contudo, ele prossegue impassível, majestoso, pródigo em belezas naturais. Suas praias são de uma areia muito branca, suas águas mornas no verão são um convite aos banhos, e, para quem gosta de uma pescaria, sempre fornece algum peixinho para o frito do fim de tarde.

A fauna ribeirinha tem presença marcante. É comum avistarmos bandos de marrecas, colhereiros e maçaricos. Outras aves se espalham pela mata, principalmente caturritas, sempre tagarelando entre si, e pombas carijós, estas invariavelmente comunicando-se com seus arrulhos cantados. Gralhas, saracuras, pica-paus e jacus também são bastante encontrados.

Entre os animais de terra, existem capivaras, graxaim, jaguatiricas, lontras e jacarés, entre tantos, mas principalmente têm presença marcante os bugios, cujo ronco é sempre o som predominante daquelas paragens, mais ainda quando o tempo prenuncia chuva. O bugio (do gênero *alouatta atelidae* tem quatro subespécies: curaya, palliata, seniculus e pigra) é um primata neotropical que está ameaçado de extinção devido à captura e caça da espécie, mas principalmente pela destruição de seu habitat natural. É conhecido também como guariba, macaco gritador ou barbudo, devido ao seu ronco característico e sua vasta barba (nos machos). Entretanto sua contribuição ao equilíbrio ecológico é pouco reconhecida. Este animal é importante dispersor de sementes, além de contribuir para a alimentação direta de outras espécies, que aproveitam os frutos que esse primata derruba das árvores ao se alimentar. Bugio também é o nome de um ritmo musical que anima os fandangos nas noites gaúchas.

Como se viu, esta nossa “terceira viagem” foi bem mais amena que as anteriores, pelos rio Passo Fundo e Forquilha, mas de qualquer forma, valeu a pena. Conhecemos agora uma parte dos rios Jaguari e Ibicuí (que significa rio de areias brancas, em Tupi), o que nos desperta mais curiosidade, e amanhã, se DEUS quiser, estaremos elegendo outro rio para explorar, porque **“QUEM NADA FAZ NADA TEM PARA CONTAR!”**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Em 22 de novembro de 1949, nasce em Lagoa Vermelha, RS, Paulo Edson Nicolodi. Sua infância transcorreu como era comum na época, entre o colégio, canchas de bolita, caçadas de passari-

nhos com funda (estilingue), pescarias e futebol a todo fim de tarde. A partir dos onze anos, tornou-se bolicheiro, ajudando no comércio de seus pais e aprendendo com eles e com os clientes que são os compromissos que valorizam os momentos de lazer. A paixão pelas pescarias despertou-lhe desde cedo este espírito de aventura, incutindo-lhe uma necessidade de valorizar o tempo de folga entre os estudos e o trabalho, porque QUEM NADA FAZ NADA TEM PARA CONTAR e porque sobre o tempo tem uma coisa que só com ele se descobre: quem o gasta é rico e quem o economiza é pobre! Convocado, serviu o Exército, iniciando sua vida militar no 3º Batalhão Rodoviário, em Vacaria, RS, cursou a ESA (Escola Sargento das Armas) e sua primeira missão como sargento foi construir estradas no Amazonas, para onde foi já casado com Fátima Tussi Nicolodi, e onde permaneceu por cinco anos, tornando-se pai de Daniel, e onde cursou até o 4º ano a faculdade de Direito da Universidade Federal do Amazonas. Transferido para Passo Fundo, RS, concluiu o curso de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela UPF em 1976, e no ano seguinte pediu licenciamento do Exército, passando a exercer a advocacia, e vindo a assistir o nascimento da segunda filha, Ilana. Foi advogado do SESI por quase vinte anos, supervisor da Procuradoria do Município em duas legislaturas, presidente da OAB subseção de Passo Fundo, participou de clubes sociais e de serviços, movimentos assistenciais, associações, CTGs e movimentos religiosos. Essas memórias que agora externa são alguns registros de experiências que o tempo lhe propiciou e que sempre quis deixar para o aproveitamento dos que viessem depois.

Ao contar suas “aventuras” pelo desfiladeiro dos rios de sua infância, detalhando os maus-bocados em que esteve embrenhado, o autor vai nos proporcionando adentrar as matas com árvores nativas, as beiras de rio de seus acampamentos, e vai nos conduzindo a ouvir o som das águas, dos pássaros, do vento, da chuva, a sentir os cheiros do assado, os calafrios do tempo feio e as dores do esforço repetitivo e exaustivo na condução da embarcação.

São histórias de aventura, que nos transportam para um outro lugar, onde tudo é natureza, simplicidade e paz. Sem dúvida, vale a leitura! E vale a viagem para um mundo não tão distante fisicamente, mas ao qual não costumamos dar o devido valor.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

